



## SUMÁRIO

<i>Agradecimentos</i> .....	13
Introdução .....	17

### PRIMEIRA PARTE: ENCARNAÇÃO

1 Do início ao fim, tudo se refere a ele.....	31
2 Venham adorar de joelhos.....	49
3 Nosso Salvador aperfeiçoado .....	69
4 O amor de Deus pelos pecadores.....	91
5 Ó fronte ensanguentada.....	111
6 Jesus reinará .....	131

### SEGUNDA PARTE: UNIÃO COM CRISTO

Introdução à segunda parte .....	157
7 “Eu neles”.....	159
8 Ele se entregou por nós.....	179
9 Escolhida, desposada, amada e com um novo nome .....	201
10 Você foi perdoado, está justificado e é amado .....	219

Apêndice 1: Os credos.....	239
Apêndice 2: A melhor notícia de todos os tempos .....	245
Apêndice 3: João 17.....	253
Apêndice 4: Uma cadeia de ouro, de <i>William Perkins</i> .....	255
<i>Índice de passagens bíblicas</i> .....	261
<i>Índice remissivo</i> .....	267



## INTRODUÇÃO

Quando eu era criança, tinha um pesadelo recorrente. Eu sonhava que estava num palco, no escuro, completamente sozinha. No sonho, não conseguia me mover, me esconder ou falar. Pregada no chão e aterrorizada, eu percebia uma presença ameaçadora à espreita, mas não conseguia ver nada. Eu estava perdida, errante. De alguma forma, embora naquela época não soubesse como, eu sabia que estava acabada, que havia destruído algo e não podia fazer nada para compensar meu erro.

Mesmo hoje em dia, apesar de meus sessenta e poucos anos, ainda consigo sentir o isolamento e o medo que pareciam querer me engolir naquele palco escuro. Eu estava completamente sozinha, tomada de um pavor incontrolável, mal conseguindo respirar. Não encontro palavras para descrever quanto aquela situação era aterrorizante, e continua sendo até hoje, quando me lembro disso.

Se você quiser tentar me psicanalisar, devo lhe confessar que eu era uma daquelas crianças que passam o dia sozinhas em casa, e meu pesadelo talvez expressasse essa solidão e minha sensação de que havia algo intrinsecamente errado comigo e que não acontecia com pessoas de famílias “normais”. Meu pai tinha abandonado a família bem cedo, e minha mãe trabalhava duro para tentar sustentar meu

irmão e a mim. Quando penso em minha infância, “família” não é a palavra que eu usaria para falar sobre ela. Depois de voltar a pé para casa sozinha todo dia, eu brincava sozinha (e comia torrada) até minha mãe chegar do trabalho, geralmente por volta das seis da tarde. Então nós jantávamos, e eu ia brincar sozinha com minhas bonecas ou assistir à TV. Minha infância não foi muito social. Na verdade, não foi nada social. Não tive muitos amigos. Diante desse quadro, você deve estar pensando que não é de surpreender que eu tivesse pesadelos de estar sozinha e irremediavelmente errada. Aquele sonho ruim era, de algum modo, um espelho na alma de uma menininha perdida e largada. Não acho, porém, que sou a única pessoa a ter se sentido assim alguma vez. Na verdade, acho que todo o mundo luta com a sensação de isolamento e a suspeita de que há alguma coisa muito errada nos cantos mais profundos de nossa vida, não importando se fomos crianças que passaram o dia inteiro sozinhas em casa ou se fomos criados em uma família amorosa de nove pessoas.

Também me parece, contudo, que todo o mundo continua tendo esperança. Esperamos algum dia acordar e descobrir que não estamos isolados, ali naquele palco escuro, aguardando julgamento, e que todo aquele terror afinal não passou de um pesadelo. Temos esperança de que exista algo além dessa solidão e isolamento, algo que dure para além dos jantares em família nos feriados e continue durante a noite, depois que todos vão embora e ficamos sozinhos novamente. Em nossos dias cheios de esperança, somos como crianças esperando para ouvir alguma notícia boa — a notícia que nos garante, por mais sozinhos e angustiados que estejamos, que alguém nos ama, alguém nos salvou e em breve seremos verdadeiramente encontrados.

Pouco antes do meu aniversário de 21 anos, o Senhor me salvou por sua graça. Ele me salvou de meu pecado e me livrou de minha grande carência. Ele me salvou da raiva, da amargura, das mentiras com que eu tentava me enganar e do ódio que eu

sentia de mim mesma — coisas que me prejudicaram a vida inteira. O Senhor me salvou do abandono, do isolamento, da solidão e da autocondenação. E me tornou parte de sua família. Eu não sabia muito sobre ele naqueles primeiros anos, mas soube que eu finalmente pertencia a alguém e que esse alguém era mais importante para mim do que qualquer coisa. Eu sabia que estava em casa, que era da família. Ele me deu fé para acreditar que era amada e bem-vinda, e desse momento em diante tudo começou a mudar.

Embora este livro não seja sobre a angústia que eu sentia durante minha infância solitária, quero que você saiba de onde venho. Sei muito bem o que é crescer com a sensação de abandono e carência, e essa lembrança continua bem vívida em mim até hoje. Eu sei que as crianças que passam o dia inteiro sozinhas não são as únicas a sentir solidão; podemos estar cercados de familiares e amigos e ainda assim nos sentirmos completamente desconectados, sozinhos, isolados. Podemos estar no saguão da igreja, cercados de centenas de outros crentes, e ainda achar que estamos sozinhos, os únicos que não conseguem fazer nada direito, os que ainda não conseguiram se encaixar.

## NÓS ESTAMOS SOZINHOS

Todos lutam contra sentimentos de carência e isolamento, mesmo que tenham sido criados com muitos irmãos e pais muito atenciosos. A alienação e a solidão se manifestam de várias maneiras. Por exemplo, como o sentimento de incapacidade: “Não consigo fazer isso sozinho” ou “Nunca faço isso direito!” (seja o que for). Esses sentimentos também se manifestam na sensação de que ninguém nos compreende — “Ninguém me conhece de verdade!” ou “Por que todos sempre me interpretam mal?” — ou, é claro, podem ser expressos como uma solidão profunda: “Nunca vou me adaptar” e “Por que não consigo fazer amigos como ela?”.

O pecado causou devastação e isolamento na vida de todos nós. O pecado em nossa vida, tanto o que cometemos quanto o que outros cometem contra nós, trouxe separação e alienação a todos. A origem dessa separação e alienação está na quebra da relação com Deus, que resultou em relacionamentos arruinados uns com os outros e até com o mundo criado. Por mais aceitos que sejamos, nenhum de nós jamais experimentou unidade profunda ou união autêntica com outra pessoa. Desde o dia em que nossos primeiros avoengos foram expulsos do jardim do Éden, estamos perdidos, tentando voltar, tentando restabelecer a união entre nós e o Senhor, tentando ter comunhão, tentando achar nosso caminho para casa. Estamos tentando ser achados. A verdade é que, sem Cristo, estamos completamente sozinhos, e nosso empenho para ocupar o tempo com coisas materiais, mensagens de texto, trabalho ou mesmo ministério são meras tentativas inúteis de nos assegurar de que as coisas não são tão ruins como parecem. Porém, no fim do dia, no meio da noite e no fim da vida, sem o amor e a obra de Jesus Cristo, o Deus-homem, estamos sozinhos e sabemos disso — e essa verdade nos aterroriza. Cada um de nós está ali naquele palco às escuras, condenado, perdido e errante, precisando ser encontrado.

## **A VERDADE DE QUE TODOS PRECISAMOS**

*Encontrados nele* foi escrito porque a maioria de nós, mesmo sendo cristãos, desconhece a importância da nossa unidade com Cristo (comumente denominada “união”) e da extraordinária unidade dele conosco (conhecida como a “encarnação”). Tenho a impressão de que, para a maioria de nós, a proximidade, ou iminência, de Jesus só nos passa pela cabeça quando enfrentamos as vicissitudes do cotidiano naquele palco escuro. Negligenciamos as doutrinas da encarnação e da união, e isso nos empobrece profundamente. A triste realidade é que muitos cristãos passam a vida inteira

vagando por um deserto espiritual, desnutridos, sedentos e consumindo lixo porque nunca se banquetearam com a verdade consoladora da alma, transformadora do coração e geradora de zelo encontrada no estudo da encarnação e união. Por isso convido você a se juntar a mim enquanto nos banqueteamos com essas duas alegrias muitas vezes negligenciadas, mas preciosamente fúlgidas. Essas alegrias nos vêm diretamente daquele de quem fomos alienados. Ele é o único que pode nos oferecer o único antídoto para a pandemia de isolamento da qual temos ansiado escapar. Ele nos oferece esse antídoto porque reúne em si mesmo tanto a natureza de Deus quanto a do homem, constituindo uma Pessoa nova e completamente única. E ele une os crentes a ele mesmo, com essa Pessoa. Jamais saberemos o quanto fomos achados, amados, bem-vindos e reconciliados se não entendermos a profundidade com que ele assumiu a nossa natureza e nos ligou a si mesmo em união eterna. Deus é um com o homem em Jesus Cristo, e nós somos um com ele.

Confesso já desde o início que vamos fazer um pouco de teologia aqui. Não se assuste. Afinal, teologia é simplesmente o estudo de Deus, e você não teria escolhido este livro se não estivesse interessado em saber mais sobre ele. Nosso estudo não consistirá em proposições obscuras nem em ideias desconectadas da vida diária. Você vai ver que essas verdades vão trazer vida, paz e alegria à sua alma. Não se preocupe — estamos todos crescendo no conhecimento de Deus, e, no conhecimento do Senhor, há muita satisfação (Sl 107.9).

## O BANQUETE ENCONTRADO NA ENCARNAÇÃO

Veja como nosso estudo vai se desenvolver. A primeira parte do livro, capítulos 1—6, apresenta o tema de Deus se tornando homem: a encarnação. É claro que, se você já cantou alguma canção de Natal, já tem conhecimento da encarnação, mas me pergunto

quanto qualquer um de nós pensa nos fatos acontecidos em Belém quando está preso no trânsito, no hospital ou preenchendo o formulário para requerer o seguro-desemprego. Será que alguma vez lhe passa pela cabeça que a segunda pessoa da Trindade se tornou um homem para poder amar e salvar você? Como alguém que crê na encarnação há mais de quarenta anos, confesso que nunca pensava muito nisso, a não ser no Natal. Suponho que aconteça o mesmo com a maioria dos cristãos. A encarnação é expressa com mais clareza nestas preciosas palavras de João 1:

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, pleno de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai. [...] Pois todos recebemos da sua plenitude, graça sobre graça. Porque a lei foi dada por meio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus. O Deus unigênito, que está ao lado do Pai, foi quem o revelou (Jo 1.14,16-18).

O que as palavras de João significam? Vamos passar seis capítulos analisando o significado delas, mas resumidamente expressam que Jesus Cristo “entrou em plena solidariedade conosco, em nossa existência pecaminosa, para nos salvar, sem se tornar pecador”.<sup>1</sup> Não estamos sozinhos. Ele é Emanuel, *Deus conosco* (Mt. 1.23). *Deus está conosco; nós não estamos sozinhos.*

Também aprendemos sobre a encarnação com o texto de Paulo em Colossenses 2.9: “Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade”. Um homem que viveu há mais de dois mil anos em Israel é também a segunda pessoa da Trindade, que existe desde a eternidade. Ele é o Deus-homem. Como pode ser isso? É um mistério profundo, mas um mistério que temos de investigar,

---

<sup>1</sup>Thomas F. Torrance, *Incarnation: the Person and life of Christ*, edição de Robert T. Walker (Downers Grove: IVP Academic, 2008), p. 62.



porque não há como exagerar as consequências da encarnação. Com efeito, no século 16 Martin Chemnitz escreveu que, se não crermos na verdade da encarnação, Jesus “não pode mais ser nosso Salvador”. Ele define a encarnação como a “maior e mais doce consolação”<sup>2</sup> que podemos ter.

É axiomático dizer que estamos sozinhos. Somos indivíduos solitários; todos sabemos disso. Estamos afastados não só uns dos outros, mas também de Deus. No entanto, Deus tomou providências. Ele se tornou homem, fazendo-se um conosco para que não mais precisássemos viver em solidão profunda —, e sua ação abre a porta não só para a nossa profunda comunhão com ele, mas também uns com os outros.

## O BANQUETE QUE EXISTE NA UNIÃO COM CRISTO

Na segunda parte do livro, vamos examinar a união de Jesus com cada um de nós individual e coletivamente, como sua noiva, a igreja. Quando digo “união”, estou me referindo à ocasião em que Jesus ensinou que ele é a videira e nós devemos permanecer nele. Também estou falando de todas as passagens do Novo Testamento em que os apóstolos, especialmente João e Paulo, empregam as palavras “em Cristo” ou “com Cristo”. Vamos nos deter um pouco na análise dessas locuções porque, na minha opinião, quando lemos a Bíblia e deparamos com elas, somos tentados a simplesmente ignorá-las. Elas nos parecem pequenos apêndices desnecessários. Claro, sabemos que elas estão lá, e sabemos que devem significar alguma coisa, mas, afinal, que importância podem ter?

No início do livro de Efésios, por exemplo, Paulo menciona nossa união com Cristo onze vezes (Ef 1.3-14)! Leia a passagem e

---

<sup>2</sup>Martin Chemnitz, *The two natures in Christ*, tradução para o inglês de J. A. O. Preus (St. Louis: Concordia, 1971), p. 41.

observe quantas vezes nossa expressãozinha “em Cristo” e o termo “nele” aparecem em apenas dois versículos:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor (v. 3,4).

Tenho a impressão de que as palavrinhas “em” e “com” são mais importantes do que imaginamos, como defende John Murray:

Nada é mais central ou fundamental do que união e comunhão com Cristo. [...] A união com Cristo é a verdade central de toda a doutrina da salvação, não só na sua aplicação, mas também na sua realização de uma vez por todas na obra perfeita de Cristo.<sup>3</sup>

## UM BANQUETE PARA NOSSA ALMA

Ao longo dos dez capítulos deste livro, vou estimulá-lo a identificar em que e como essas verdades se relacionam com você individualmente, relacionando-as com exemplos tirados da vida real. Mas o objetivo deste livro não é contar histórias. Não. Eu não vou desperdiçar nosso tempo com uma porção de histórias sobre mim, porque há muitas boas-novas para lhe dar e, afinal, por mais divertidas que minhas histórias pareçam para mim, não é delas que sua alma precisa.

## O PRAZER DE DEUS

Para terminar esta introdução, proponho mais uma ideia para você refletir: parece que Deus tem muito prazer em união. De fato, o

---

<sup>3</sup>John Murray, *Redemption accomplished and applied* (Grand Rapids: Eerdmans, 1955), p. 161 [edição em português: *Redenção consumada e aplicada* (São Paulo: Cultura Cristã, 2010)].

próprio Deus é uma união de três pessoas em um só Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo — a Trindade. Pense nas seguintes demonstrações do amor de Deus por união em meio à diversidade. Fluindo da natureza trinitária de Deus, vemos unidade:

*Na criação.* Deus fez o homem à sua imagem (Gn 1.26).

*No casamento.* Instituído já de início no jardim, quando o homem tinha união perfeita com o Criador (Gn 3.8) e o Criador queria que o homem conhecesse a alegria da união com outra pessoa: “Eles serão uma só carne” (Gn 2.24).

*Na encarnação.* O Verbo eterno se fez carne e habitou entre nós (Jo 1.14).

*Em nosso novo nascimento.* “Quem se une ao Senhor é um espírito com ele” (1Co 6.17).

*Na igreja.* “Vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, membros desse corpo” (1Co 12.27).

E, finalmente, *em nossa derradeira transformação.* “Assim como trouxemos a imagem do homem terreno, traremos também a imagem do homem celestial” (1Co 15.49).

Por sermos feitos à imagem de Deus, temos a característica inerente de amar a união e de temer e desprezar o isolamento. Está no nosso DNA — e é por isso que estamos sempre esperando encontrar a união em relacionamentos ou experiências, por isso estamos esperando sair desse palco escuro. Prova disso é que até os incrédulos gostam de se unir uns aos outros com um objetivo comum. Quer um exemplo? Pense na NFL [National Football League]. Sessenta mil estranhos unidos em um só lugar, incentivando

seu time para a vitória e torcendo a uma só voz. Há alguma coisa especial em estar lá no estádio com os outros torcedores em vez de simplesmente assistir ao jogo pela TV, em casa sozinho, não é mesmo? Essa coisa especial é a experiência de fazer parte de algo maior do que nós mesmos, e de fazer parte disso com os outros. Eu não sou fã de jogos da Liga, mas compreendo a alegria de torcer em união com milhares de outras pessoas.

### **ESSE SOLO É SAGRADO: TEMOS DE ENTRAR COM HUMILDADE**

A encarnação e a união de Cristo conosco são essencialmente mistérios sagrados. Se aprendemos alguma coisa sobre eles, é porque Deus nos capacitou para o conhecer, e foi o poder dele (não o meu estudo nem a sua dedicação, leitor, neste estudo) que o levou a cabo. Sem que ele generosamente se dignasse a se revelar, permaneceríamos completamente sozinhos e no escuro. Precisamos da graça iluminadora de Cristo e por isso eu oro para que o Senhor nos conceda essa luz.

Não podemos adquirir o conhecimento de Cristo, não o podemos alcançar, nem construir. Não temos capacidade nem poder em nós mesmos que nos dê o domínio sobre esse fato. Na própria ação de conhecer Cristo, *ele é o mestre, nós somos os discípulos*.<sup>4</sup>

Portanto, se aprendemos algo sobre ele ou sobre nosso lugar na vida dele ou sobre a vida dele em nós, é porque ele é Senhor e Deus, e nos deu revelação de si mesmo. Por isso, vamos orar juntos humildemente para que a luz dele brilhe em nosso isolamento e escuridão, e que ele, que trouxe a luz à existência por sua palavra, brilhe em nosso coração e nos dê a “iluminação do conhecimento

---

<sup>4</sup>Torrance, *Incarnation*, p. 20, grifo do autor.

da glória de Deus, na face de Cristo” (2Co 4.6, ARA), nosso irmão, nosso resgatador, nosso redentor. Não estamos mais sozinhos naquele palco escuro, nem jamais estaremos. Não. Agora estamos em solo sagrado, e somos um com ele, nosso irmão mais velho.

Muito tempo passou meu espírito em cadeias,  
preso firme ao pecado e às trevas da natureza;  
um raio de teus olhos me despertou,  
acordei, o calabouço inundado de luz;  
minhas correntes caíram, meu coração foi liberto,  
levantei-me, saí e te segui.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>Charles Wesley, *And can it be that I should gain?*, 1738.



PRIMEIRA PARTE  
ENCARNAÇÃO

# 1



## DO INÍCIO AO FIM, TUDO SE REFERE A ELE

*E, começando por Moisés e todos os profetas,  
explicou-lhes o que constava a seu respeito  
em todas as Escrituras (Lc 24.27).*

A história de Jesus, o tão esperado Cristo, é o assunto da Bíblia inteira. Talvez eu devesse repetir isso. O começo e o fim de *tudo* o que há no universo — e principalmente tudo o que está registrado nas Escrituras — é Jesus Cristo. Ele mesmo declarou que é o “Alfa e o Ômega [...], aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso” (Ap 1.8). Ele é “o princípio, o primogênito dentre os mortos”. Em tudo isso ele tem a “*preeminência*” (Cl 1.18, ESV; grifo da autora). Ele é o sol em torno do qual todos os seres orbitam, quer tenham consciência disso, quer não. Ele é o diretor, o autor, o ator e o final de todas as peças já encenadas no palco da humanidade.

O Cristo Jesus homem é a mensagem preeminente, excelsa, da Bíblia. É claro que há outras mensagens, personagens e histórias secundárias, mas ele é o foco de tudo o que foi escrito. Ele é fundamental; ele ultrapassa tudo e todos em importância, dignidade, beleza, sabedoria e honra. Por quem ele é e pelo que ele fez por nossa salvação:

Deus também o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Fp 2.9-11, ESV).

Imagino que os leitores cristãos, não importa quanto tempo tenham de cristianismo, estão assentindo em concordância. Claro que sim, Jesus é o personagem principal da Bíblia! É óbvio, não é? Bom, sim, devia ser. Contudo, apesar de muitos de nós concordarmos que Jesus é a figura central, a mensagem totalmente abrangente de sua preeminência, embora tida como líquida e certa, não é a mensagem que normalmente ouvimos. Não, a mensagem que em geral ouvimos diz respeito a nós e ao que temos de fazer para deixar Deus contente — ou, pelo menos, para evitar entristecê-lo — e vivermos uma vida satisfatória. Porém, como vamos aprender nos capítulos a seguir, a Bíblia não é primordialmente um livro de regras nem um manual de autoajuda; ela não nos ensina a ser pessoas melhores para podermos receber bênçãos trabalhando com afinco. O assunto da Bíblia é Jesus, *Deus feito homem*, sua vida, morte e ressurreição. Ela trata da decisão dele de estar em união conosco.

A mensagem da Bíblia é Jesus Cristo, o único ser humano bom: quem ele é e a obra que ele realizou para a nossa salvação e a glória de seu Pai. O que ele fez, claro, atravessa nossa vida e nos transforma, mas não somos nós o tema dessa narrativa — é ele que é. Ele é o tema, e todos os verbos se referem à obra dele. Essa história, porém, não começou há apenas dois mil anos em Belém.

## ANTES DO BEBÊ, O FILHO

Muito antes de se registrar a história do Natal, já ressoava retumbante na Bíblia a mensagem do Filho. De fato, todos os escritos que compõem o Antigo Testamento dizem respeito a Jesus. Toda



lei, toda palavra profética, toda narrativa e todo salmo têm o propósito de nos lembrar dele, de tirar nossa atenção de nós mesmos e nos fazer olhar para ele em busca da salvação.

Tudo o que aconteceu a Adão, Abraão e Israel foi projetado desde o princípio para prefigurar o final [em que] [...] Jesus, o Filho amado, manteria a aliança e carregaria sobre si a maldição em lugar deles e em nosso lugar.<sup>1</sup>

De fato, o próprio Jesus afirmou que ele é o tema de toda a história de Israel. Sei que isso talvez seja uma ideia nova para alguns; por isso, aqui vão algumas passagens do Novo Testamento sobre esse assunto para vocês considerarem. Note que Jesus se identifica como o tema de todos os escritos de Moisés:

Vós examinai as Escrituras, pois julgais ter nelas a vida eterna; e são elas que dão testemunho de mim [...]; se crêsseis em Moisés, creríeis em mim; *porque ele escreveu a meu respeito* (Jo 5.39,46; grifo da autora).<sup>2</sup>

Pense nisso! Jesus disse que Moisés efetivamente escreveu sobre ele! Mas isso não era tudo o que ele tinha a dizer sobre o assunto. Depois da crucificação e da ressurreição, Jesus apareceu aos discípulos que iam pelo caminho de Emaús e lhes ensinou (e a nós, por extensão) o jeito certo de ler e interpretar todas as Escrituras do Antigo Testamento:<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup>Dennis E. Johnson, *Him we proclaim: preaching Christ from all the Scriptures* (Phillipsburg: P&R, 2007), p. 17.

<sup>2</sup>Se essa ideia é nova para você, veja João 1.45; 8.56; Atos 26.22; 28.23; Hebreus 11.26; 1Pedro 1.10-12; Judas 5. Jesus é a figura principal do Antigo Testamento, e todos os escritores do Novo Testamento confirmam isso.

<sup>3</sup>Moisés, os Profetas e os Salmos eram as três divisões do Antigo Testamento. Quando Jesus menciona essas três categorias, está se referindo a todas as partes do Antigo Testamento, não apenas ao Decálogo, aos livros proféticos e aos Salmos.